

CEZARIO, M. M.; LONES, B.; CASTANHEIRA, D.; CAMPOS, J. L. Usos de orações hipotáticas iniciadas por *sempre que* e *toda vez que*: o papel da subjetividade nas escolhas linguísticas. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022. [www.revel.inf.br].

## USOS DE ORAÇÕES HIPOTÁTICAS INICIADAS POR *SEMPRE QUE* E *TODA VEZ QUE*: O PAPEL DA SUBJETIVIDADE NAS ESCOLHAS LINGUÍSTICAS

*Uses of hypotactic clauses introduced by [sempre que] and [toda vez que]: the role of subjectivity in linguistic choices*

**Maria Maura Cezario<sup>1</sup>**

**Beatriz Lones<sup>2</sup>**

**Dennis Castanheira<sup>3</sup>**

**Júlia Langer de Campos<sup>4</sup>**

mmcezario@gmail.com

bialones@letras.ufrj.br

denniscastanheira@gmail.com

julialangerc@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar os usos de orações hipotáticas introduzidas por *sempre que* e *toda vez que* a partir dos pressupostos teóricos dos Modelos Baseados no Uso, mais particularmente, da Linguística Funcional Centrada no Uso. Para isso, coletamos e analisamos 300 dados, sendo um total de 150 para cada microconstrução, do *Corpus do Português*, aba *web*. A partir de um grupo de fatores importantes em diferentes pesquisas funcionalistas, constatamos que essas microconstruções, ainda que apresentem aspectos em comum, têm tendências de uso distintas, as quais estão relacionadas, sobretudo, ao caráter mais ou menos subjetivo veiculado a cada uma delas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Funcionalismo; Gramática de Construções; Orações hipotáticas temporais.

**ABSTRACT:** This paper brings an analysis of the uses of hypotactic clauses introduced by *sempre que* and *toda vez que* from the theoretical assumptions of Usage-Based Models, particularly from the Usage-Based Functional Linguistics. For this, we collected and analyzed 300 data, a total of 150 for each microconstruction, from the *Corpus do Português*, web section. From a group of important

---

1 Doutora; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/CNPq.

2 Graduada; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

3 Doutor; Universidade Federal Fluminense – UFF.

4 Doutora; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

factors relevant in different functionalist researches, we found that these microconstructions, despite having aspects in common, have different usage tendencies of uses, which are mainly related to the more or less subjective character conveyed to each one of them.

**KEYWORDS:** Functionalism; Construction Grammar; Temporal hypotactic clauses.

## INTRODUÇÃO

Este artigo traz os resultados da análise baseada no uso de orações adverbiais iniciadas pelos conectivos *sempre que* e *toda vez que* (as orações com esses conectivos serão chamados doravante microconstruções *sempre que* e *toda vez que*), considerados sinônimos pela tradição gramatical. Com base em dados retirados de blogs do *Corpus do Português*, aba Web, e pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, tivemos como objetivo principal demonstrar que essas orações adverbiais têm graus de subjetividade diferentes. Essa pesquisa faz parte dos resultados de pesquisa de um projeto maior sobre usos de orações hipotáticas que tem dado muitas contribuições para a compreensão da rede linguística que inclui conectivos, advérbios e orações hipotáticas adverbiais (CEZARIO; LONES, 2020; NASCIMENTO; CASTANHEIRA, 2020; CEZARIO; SANTOS SILVA; SANT'ANNA, 2022).

De acordo com a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), corrente teórica aqui adotada, a articulação de orações envolve três processos. De acordo com Halliday (1985) Matthiessen e Thompson (1988) e Hopper e Traugott (1993), as orações denominadas subordinadas (ou encaixadas) são aquelas que são partes constituintes de outras, como as substantivas e as adjetivas restritivas; já as denominadas hipotáticas são aquelas que envolvem algum tipo de relação circunstancial, como condição, razão, propósito, tempo, espaço, meio, tal como as adverbiais; já as paratáticas (ou coordenadas), por sua vez, são mais independentes, não apresentam uma função sintática em relação a outras orações.

Dessa forma, o que tradicionalmente é chamado de subordinação adverbial, para esses autores, representa um caso de hipotaxe circunstancial, visto que não há puramente um encaixamento de uma oração em outra, como na subordinação substantiva e adjetiva, mas uma combinação hipotática, isto é, nessa relação, uma oração amplia outra circunstancialmente (RODRIGUES, 2017).

Partindo, então, de uma visão baseada nesses três procedimentos sintáticos, pode-se propor um *continuum* que parte da subordinação, em que estariam as subordinadas substantivas; em seguida, as que se relacionam através da hipotaxe,

como as adverbiais; e, por fim, os casos de coordenação ou parataxe. Dessa forma, portanto, nosso objeto de estudo estaria localizado no centro desse *continuum*, uma vez que as orações por nós analisadas se combinam a outra oração – nesse caso, a oração principal – apresentando uma circunstância de tempo que se amplia de uma cláusula à outra, constituindo, assim, o que chamamos de oração hipotática temporal.

Isso posto, ao longo deste trabalho, nos propomos a analisar o uso dessas orações hipotáticas, mais precisamente, como dissemos, as que são introduzidas por *sempre que* e *toda vez que* no português brasileiro contemporâneo. Mapeamos os usos de cada uma dessas microconstruções nos diferentes contextos discursivos e, além disso, buscamos um padrão mais geral que as reúna na mente do falante, a fim de tentar compreender as suas motivações a partir de suas possíveis especificidades de uso.

Para ilustrar o fenômeno, seguem os exemplos (1) e (2):

- (1) “O pequeno marinheiro Quico, o menino mais rico da vila, é movido pela inveja. *5Sempre que vê um de seus pobres vizinhos se divertindo com um surrado brinquedo*, cobiça aquela alegria simplória e vai buscar um dos seus, sempre maior e melhor, mas que nunca lhe dá satisfação. O brinquedo do outro, mesmo sendo obviamente inferior, sempre lhe parece mais interessante.” (*Corpus do Português Web*)
- (2) “Por que precisamos de um sistema de tratamento de esgoto? *Toda vez que você aperta a descarga ou lava alguma coisa na pia*, você produz esgoto (também conhecido como dejetos). Uma pergunta que muitas pessoas podem fazer é: “por que simplesmente não despejamos o esgoto na terra, em casa ou em um rio mais próximo?” (*Corpus do Português Web*)

Nosso objetivo geral é investigar esses usos, em diferentes contextos, a fim de observar as possíveis tendências relacionadas a cada uma dessas microconstruções, suas diferenças e semelhanças e quais são os fatores que podem influenciar no uso de uma ou outra. Diante disso, a hipótese que norteia o desenvolvimento dessa análise diz respeito à variação entre essas duas microconstruções: acreditamos que, embora elas se apresentem, *a priori*, em contextos semelhantes, sendo, inclusive, intercambiáveis em alguns deles, elas não seriam sinônimas perfeitas no português brasileiro.

---

<sup>5</sup> As orações foram colocadas em itálico para fins de destaque.

Essa hipótese tem por base o princípio funcionalista da *não sinonímia*, postulado por Goldberg (1995), o qual prevê que, se existem formas diferentes na língua, haverá, também, funções comunicativas diferentes. Nesse sentido, acreditamos que essas microconstruções podem apresentar especificidades estruturais, semânticas e/ou discursivo-pragmáticas, as quais motivariam a escolha do falante.

Para verificar, então, quais seriam essas possíveis especificidades, estabelecemos um banco de dados com um total de 300 dados, sendo 150 para cada microconstrução. Essa coleta foi realizada em um *corpus* online, o *Corpus do Português*, especificamente na aba *Web* do site, a qual agrega textos de diferentes domínios discursivos, oriundos de quatro países falantes de português, sendo que para esta pesquisa usamos apenas textos do português do Brasil (PB). No que diz respeito à análise, utilizamos uma lista de fatores de ordem estrutural, semântica e pragmática, são eles: arranjo linear das orações; modo e tempo verbal da oração hipotática; simultaneidade temporal; factualidade; item verbal da oração hipotática; pressuposição.

Este artigo, além desta introdução, traz uma seção sobre a abordagem teórica adotada, seguida por uma seção com a nossa análise e a discussão dos resultados. Ao final, há as considerações finais, com um quadro resumitivo das semelhanças e diferenças no uso das construções em análise; por fim, as referências bibliográficas citadas no trabalho.

## 1. ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Esta pesquisa tem como base teórica os Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; DIESSEL, 2019; HILPERT, 2021), mais particularmente a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016; CEZARIO; ALONSO; CASTANHEIRA, 2020), que congrega pressupostos sobretudo da Linguística Funcionalista Norte-americana, da Gramática de Construções e da Linguística de Corpus. Essa corrente caracteriza-se por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e por buscar no uso real da língua, isto é, no contexto discursivo, a motivação para os fatos que nela ocorrem.

Segundo Martelotta (2011), na perspectiva funcionalista, o sistema linguístico é eminentemente dinâmico e envolve habilidades cognitivas humanas e eventos de comunicação específicos. Isso significa dizer que há uma interdependência entre a gramática da língua e o seu uso real, de modo que o uso se constitui a partir da gramática e a esta é moldada através do uso. Em outras palavras, pode-se dizer que há uma relação simbiótica – um favorecimento mútuo – entre a gramática e o discurso, já que a estrutura linguística se renova constantemente devido ao fato de os falantes estarem a todo o momento criando novos padrões gramaticais para os diferentes propósitos comunicativos.

Assim, a gramática de uma língua é entendida como uma rede de construções, isto é, um pareamento de *forma e função* que se interliga através de *links* horizontais e verticais na mente do falante (DIESSEL, 2019). Desse modo, em uma análise de cunho funcionalista, o pesquisador parte do uso real da língua para observar sua estrutura gramatical (forma) e sua função num determinado contexto comunicativo, caracterizando, assim, o que constitui uma construção linguística: a relação direta e indissociável entre a forma e a função.

Na perspectiva construcional, Traugott e Trousdale (2013) postulam que a análise de uma dada construção deve ser realizada com base nos seguintes níveis construcionais: I) esquema, nível que está no campo de análise mais abstrato; II) subesquema, que se caracteriza por ser um nível menos abstrato e, portanto, mais específico que o anterior; e III) microconstrução, sendo este o nível menos abstrato da rede, em que se tem, normalmente, todos os *slots* da construção preenchidos. Para que isso seja exemplificado, segue uma proposta de rede construcional das construções aqui analisadas.

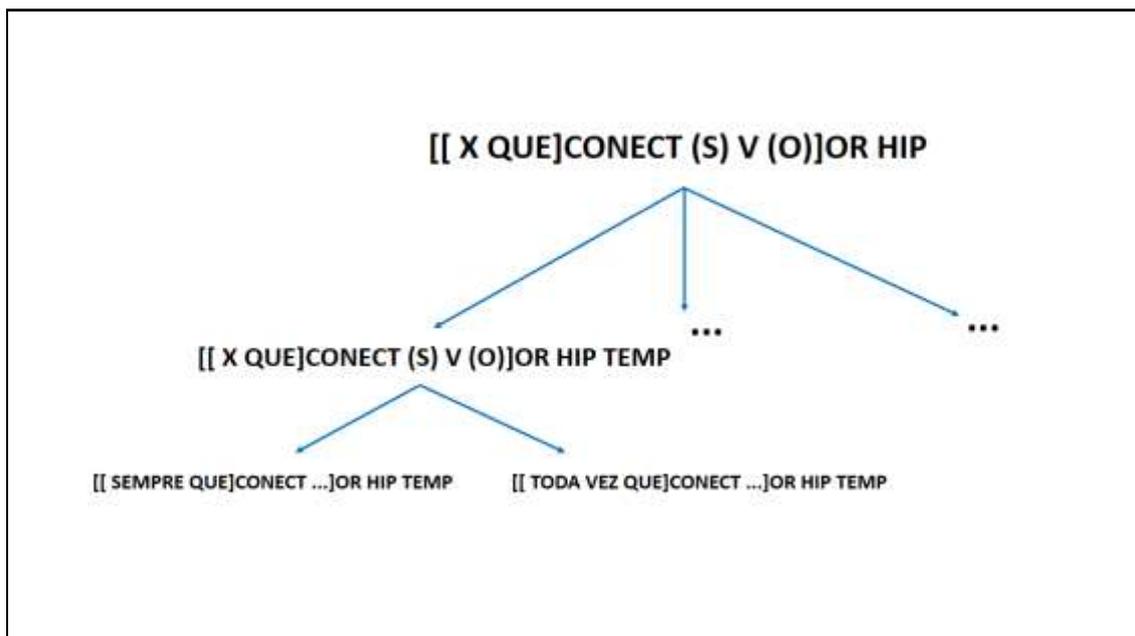


Figura 1: Rede construcional das orações hipotáticas temporais

Fonte: Elaborada pelos autores.

Nessa proposta, tem-se, no nível mais alto, a construção hipotática adverbial iniciada por um conectivo na forma [X que], em que X pode ser *sempre*, *ainda*, *mesmo*, etc. A construção hipotática pode ser instanciada por diferentes tipos de orações adverbiais como as temporais, as concessivas, as causais, etc. (na figura, colocamos no subesquema apenas a oração temporal, e as reticências representam outras orações adverbiais). A oração adverbial temporal é instanciada por várias microconstruções, como as iniciadas por *sempre que* e *toda vez que*, objetos dessa pesquisa.

Em linhas gerais, o objetivo desta rede é propor uma representação esquemática de como as microconstruções *sempre que* e *toda vez que* se organizam de forma hierárquica na mente do falante. Assim, partindo do pressuposto de que uma construção é um pareamento de forma e função, consideramos importante para a nossa análise estabelecer um padrão mais geral que instancie as microconstruções por nós analisadas, a fim de tentar compreender a relação entre a forma e a função de cada uma delas e o que motiva a escolha na mente do falante, ainda que isso seja feito de maneira inconsciente.

Além disso, vale destacar que a LFCU utiliza uma gama de pressupostos que norteiam as análises linguísticas, dentre os quais o princípio da *não-sinonímia*. Para os estudos de base funcionalista, não há duas formas vinculadas a uma mesma

função. Isso significa dizer que, se duas construções são sintaticamente distintas, semântica ou pragmaticamente elas também se diferem de alguma maneira (GOLDBERG, 1995; 2006). Tal ideia norteia esta pesquisa, visto que acreditamos que, por serem formalmente distintas, as microconstruções *sempre que* e *toda vez que* são, também, semântica ou pragmaticamente distintas e, por esse motivo, podem apresentar propriedades específicas ao introduzirem orações hipotáticas.

Assim como o princípio da *não sinonímia*, o princípio da iconicidade também é de fundamental importância para os estudos funcionalistas. Em linhas gerais, esse conceito postula uma correlação natural e motivada entre forma e função. Nos termos de Givón (1990), há uma correlação icônica entre “empacotamento cognitivo” e “empacotamento gramatical”, o que significa dizer que há uma relação direta entre a cognição e a estrutura da língua, de modo que a representação linguística reflete, de alguma maneira, o pensamento, o qual, por sua vez, reflete a experiência humana na realidade biossocial. Esse princípio se manifesta a partir de três subprincípios básicos: (i) ordenação sequencial; (ii) quantidade; e (iii) proximidade, a partir dos quais a gramática é moldada, na perspectiva de Givón (1990).

Nesta pesquisa, consideramos o princípio da iconicidade, porque acreditamos que haja uma relação motivada entre a forma das microconstruções *sempre que* e *toda vez que* e a função que elas desempenham no ato comunicativo. Por essa razão, nosso principal objetivo é mapear esses usos por meio da análise dos fatores por nós postulados como importantes na diferenciação dessas construções.

Dado que cada forma está atrelada a uma função e que existe uma relação motivada entre esses dois elementos (GIVÓN, 1990), cabe analisar o seu grau de transparência. Para isso, temos por base a noção de composicionalidade, pressuposto postulado por Traugott e Trousdale (2013) para analisar o grau de composicionalidade de uma dada construção, isto é, o quanto uma construção pode ser compreendida a partir da soma dos elementos das suas partes.

Nesse sentido, a composicionalidade diz respeito, em linhas gerais, à combinação de elementos dentro de uma estrutura, de modo que uma construção composicional é aquela cuja soma das partes leva ao significado dessa construção. Já uma construção não composicional é aquela cujo significado já se consolidou na língua como um único bloco de informação, de modo que só pode ser acessado pelo todo e não pela soma das partes.

Neste estudo, nos atemos a esse fator para analisar, de forma breve, a base de cada microconstrução, pois embora elas sejam aparentemente semelhantes, há uma noção aspectual em *sempre que* e em *toda vez que*, que se diferencia justamente por causa da base (*sempre* e *vez*) de cada uma delas, o que faz com que elas apresentem, ainda, algum grau de composicionalidade. Em uma pesquisa *on line*<sup>6</sup> para buscarmos o significado do advérbio “sempre”, obtemos os seguintes resultados: “*na totalidade do tempo; eternamente, perpetuamente; a cada instante, sem exceção; constantemente, continuamente*”. Do mesmo modo, buscando pelo significado de “vez”, a ferramenta nos fornece os seguintes resultados: “*designação da ocorrência de um evento ou de cada ocorrência de eventos sucessivos idênticos ou análogos; certo momento; dada ocasião*”.

Feita essa busca, consideramos que a microconstrução *sempre que* conserva, de alguma maneira, o significado do próprio advérbio, de modo que as orações introduzidas por essa microconstrução tendem a apresentar eventos mais fluidos e mais constantes no tempo. Já a microconstrução *toda vez que* tende a preservar o significado do substantivo “vez”, o que faz com que as orações introduzidas por ela apresentem eventos mais pontuais, dada a natureza da base “vez”. Embora essa seja uma diferença sutil, acreditamos que ela é responsável por preservar, de fato, graus de composicionalidade em cada microconstrução.

Outro pressuposto crucial para a corrente funcionalista é a noção de informatividade. Esse conceito está relacionado ao conhecimento compartilhado, ou supostamente compartilhado, pelos interlocutores no momento da interação verbal (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003). De acordo com essa ideia, entende-se que o falante tende a organizar o seu discurso levando em consideração o conhecimento do seu interlocutor, pressupondo o que ele já conhece do que será falado, o que ele pode facilmente acessar a partir de uma inferência e o que é uma informação totalmente nova para ele. Nesse sentido, as ideias de Diessel (2013) são de fundamental importância para essa análise, pois, para analisar a informatividade de uma oração, o autor sugere a seguinte classificação: considera uma oração pressuposta aquela que apresenta uma informação já mencionada anteriormente no discurso, sendo, portanto, uma informação velha (ou “dada”); e classifica como não-pressuposta aquela cuja informação não foi mencionada anteriormente, o que a caracteriza como uma informação nova.

---

<sup>6</sup> <https://www.dicio.com.br> . Pesquisa realizada em 01/03/22.

Sendo assim, neste estudo, utilizamos a proposta de Diessel (2013) para analisar a natureza da informação contida na oração hipotática introduzida pelas microconstruções *sempre que* e *toda vez que*. Tal como proposto pelo autor, consideramos que uma informação é pressuposta quando ela já foi mencionada anteriormente no texto, e uma informação não pressuposta, por sua vez, é aquela que ainda não foi mencionada, ou seja, é uma informação nova para o leitor, considerando sempre o texto.

Como dissemos, nossa hipótese geral é que há diferença de contextos de uso das duas microconstruções e que uma delas teria uso mais subjetivo, a ser comprovado, por exemplo, pelo tempo e modo verbais ou itens verbais das orações em estudo. Na perspectiva funcionalista, o estudo da subjetividade envolve a análise das marcas linguísticas e o desenvolvimento de uma visão subjetiva dos fatos, que é representada no discurso.

Traugott e Dasher (2002) e Traugott (2010) apontam, ainda, que existem produtores mais, ou menos, conscientes e que as seleções lexicais estariam relacionadas ao tipo de registro e ao grau de monitoramento. A subjetividade, para os autores, pode ser oposta à objetividade, com marcas linguísticas típicas em cada um desses.

Castanheira e Cezario (2017) defendem que a proposta funcionalista para o tema deve ser analisada em uma perspectiva não discreta, em que as formas da língua possam ser distribuídas em *continua* categoriais de subjetividade. As formas mais, ou menos, subjetivas, então, estariam ligadas aos padrões contextuais de uso e a uma gradualidade. Assim, há indícios que apontam a subjetividade dos elementos e que indicam quais formas são mais subjetivas em cada *continuum*.

## **2. ORAÇÕES INTRODUZIDAS POR *SEMPRE QUE* E *TODA VEZ QUE*: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO**

### **2.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos o *Corpus do Português*, uma plataforma online que reúne uma série de textos de diferentes gêneros discursivos (jornalístico, acadêmico, ficcional, digital, etc.), desde o século XIII até o século XXI, e possui, em sua composição total, mais de 1 bilhão de palavras. No site,

disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=2>, verifica-se que há uma divisão em 4 subtipos de *corpus*, dentre eles o denominado Web/Dialetos, o qual foi utilizado para a coleta de dados desta pesquisa.

A aba Web/Dialetos foi adicionada ao *Corpus do Português* em 2016 e tem cerca de 1 bilhão de palavras, com registros extraídos do domínio da internet, majoritariamente de sites e blogs, nos anos de 2013 e 2014, oriundos de quatro variedades do português: Brasil, Portugal, Moçambique e Angola. A escolha desse *corpus*, e mais precisamente da aba Web/Dialetos, deveu-se justamente à grande quantidade de excertos e, sobretudo, à variedade de gêneros textuais/domínios discursivos disponíveis.

No que se refere ao processo de busca, o *corpus* disponibiliza um espaço que permite pesquisar por palavras únicas, frases, combinações entre palavras e por classe gramatical. Sendo assim, buscamos pelas microconstruções *sempre que* e *toda vez que* e obtivemos um total de 81.720 e 11.625 ocorrências, respectivamente, em toda a aba Web/Dialetos, contabilizando as quatro variedades do português. Em termos de frequência, é possível perceber, de antemão, que a microconstrução *sempre que* é bem mais frequente que *toda vez que* no português, independentemente da variedade, já que seu quantitativo de ocorrências é expressivamente maior. Optamos por analisar a coleta das 150 primeiras ocorrências que apareceram no *corpus*, de cada microconstrução, totalizando, então, 300 dados do português do Brasil.

Vale destacar, ainda, que, entre as 150 primeiras ocorrências da microconstrução *sempre que* no *corpus*, encontramos alguns casos que apresentavam um adjetivo após a microconstrução, tais como “sempre que possível” e “sempre que necessário”, por exemplo. Essas ocorrências foram coletadas, mas, por ora, não foram incluídas ao nosso banco de dados para este trabalho, visto que não apresentavam propriamente uma oração hipotática sendo introduzida pela microconstrução em questão.

Todavia, a análise futura desses registros pode ser importante para compreender outras possíveis especificidades de uso de *sempre que* e *toda vez que*, uma vez que só foram encontrados adjetivos após a microconstrução *sempre que*, no caso de *toda vez que* isso não ocorreu. Esse levantamento pode apontar que a microconstrução *sempre que*, nesse caso, figuraria em um *slot* de uma outra

construção, descrita como [sempre que + adjetivo], com a formação do chunk [sempre que possível].

Após a coleta de dados, partimos, então, para a análise, a qual se deu a partir dos seguintes fatores:

- a) arranjo linear das orações, isto é, observamos a posição da oração hipotática face à oração principal;
- b) modo e tempo verbal da oração hipotática;
- c) facticidade, ou seja, verificamos se a oração hipotática apresenta um evento factual, realizável dentro do contexto, ou não factual, veiculado através de um caráter hipotético;
- d) item verbal da oração hipotática;
- e) pressuposição, o qual analisamos a partir da natureza da informação veiculada pela oração hipotática, ou seja, se ela é pressuposta ou não pressuposta dentro do contexto.

Analisamos cada dado a partir desses fatores e rodamos a análise no programa estatístico RStudio<sup>7</sup> para verificação de cálculos estatísticos pertinentes a cada fator analisado e verificação da relevância estatística através da verificação do valor p (considerado relevante se menor que 0.05). Todos os resultados aqui expostos foram considerados relevantes estatisticamente, com exceção do resultado do fator Estrutura da Informação.

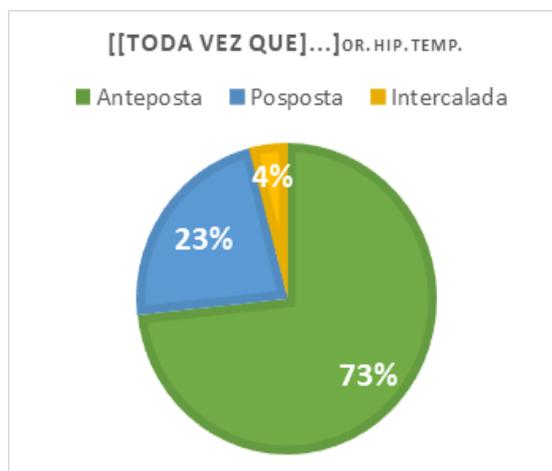
## 2.2. ARRANJO LINEAR

No que diz respeito ao arranjo linear das orações, observamos a posição da oração hipotática face à oração principal, isto é, verificamos se a oração hipotática se apresenta anteposta, intercalada ou posposta à oração principal. A escolha desse fator se deve ao fato de que diversos trabalhos na literatura já apontam que as orações temporais tendem a estar predominantemente antepostas à oração principal. De fato, isso foi corroborado pelos nossos resultados, uma vez que as nossas orações hipotáticas estiveram majoritariamente antepostas à principal, tanto quando são introduzidas por *sempre que* quanto com *toda vez que*, como pode ser verificado nos

---

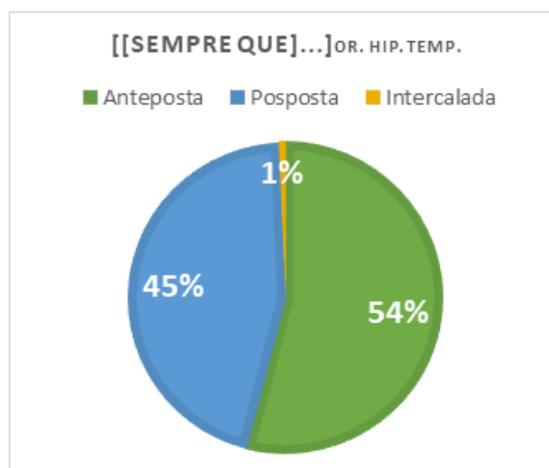
<sup>7</sup> O RStudio é um software utilizado sobretudo para a criação de cálculos estatísticos, tabelas e gráficos, através de uma linguagem de programação que possibilita a manutenção, análise e visualização de dados. Mais informações acerca dessa ferramenta se encontram disponíveis através do link: <https://www.rstudio.com/>.

gráficos abaixo, os quais apresentam o percentual relacionado a cada microconstrução.



**Gráfico 1:** Posição da oração hipotática com *sempre que* em relação à oração matriz

Fonte: Lones (2022)



**Gráfico 2:** Posição da oração hipotática com *toda vez que* em relação à oração matriz

Fonte: Lones (2022)

Ao analisarmos os gráficos, observamos que, embora as duas microconstruções tendam a introduzir orações majoritariamente antepostas, esse percentual é consideravelmente maior com *toda vez que*, a qual apresenta um total de 110 dados em que a oração hipotática está antes da principal, o que corresponde a 73% do total de dados, como se vê no gráfico. Em contrapartida, a microconstrução *sempre que* apresenta apenas 81 casos de anteposição, correspondendo a 54% do

total de dados. O mesmo ocorre com as orações pospostas, as quais possuem um menor percentual de ocorrência como um todo em ambas as microconstruções, mas apresentam um número de casos consideravelmente maior com a microconstrução *sempre que*, se comparada a *toda vez que*, sendo 45% contra 23%, respectivamente.

Isso demonstra que essas duas microconstruções se diferem, de certa forma, no que diz respeito à posição: ainda que ambas tendam a introduzir orações mais antepostas, a microconstrução *toda vez que* parece ser a mais recrutada para esta função, enquanto o lugar da posposição parece estar mais relacionado ao uso de *sempre que*, o que pode ser observado nos exemplos a seguir:

(3) “Sharmila é mãe em tempo integral, e cuida de outras três filhas mais novas. Nenhuma delas nasceu com a doença. 'Estamos correndo contra o tempo. Sohana precisa de tratamento agora, não daqui a dez anos. *Toda vez que ela perde um pedaço de pele ela grita de dor.* Eu não posso fazer nada para protegê-la.” (*Corpus do Português Web*)

(4) “Em primeiro lugar, aprendemos que a tentação espiritual é um ataque dos infernos contra algum amor bom que temos. Se você alcançar algum amor novo e bom em sua vida, esteja certo de que esse amor será logo atacado pelos infernos. Mas se você se queixar: ‘*Por que, toda vez que eu tenho algum amor novo em meu coração, esse amor é desafiado?*’, então você ainda não compreendeu a finalidade de sua vida aqui.” (*Corpus do Português Web*)

(5) “Ash não gostou muito disso, portanto Brock retorna horrorizado e recusa a falar sobre o assunto (o subconsciente de Ash estava reprimindo ele durante aquele tempo, então ao invés de um sentimento de medo, ele não sabe o que aconteceu). Mais evidência de que Brock é a sexualidade de Ash é que *ele retorna a série sempre que Ash descobre um novo aspecto feminino de si mesmo.* Misty é o primeiro desses aspectos que encontramos.” (*Corpus do Português Web*)

O exemplo (3) se caracteriza pelo uso de *toda vez que* introduzindo uma oração hipotática anteposta à principal. Já o exemplo (4) traz um uso de *toda vez que* introduzindo uma oração hipotática que está intercalada, ou seja, que ocorre no meio da oração principal. Por fim, o exemplo (5) é um registro de *sempre que* introduzindo uma oração hipotática posposta à oração principal.

### 2.3. SUBJETIVIDADE: USOS DE MODOS E TEMPO VERBAIS

Quanto ao modo verbal da oração hipotática, em todo o nosso banco de dados, verificamos que há o uso dos modos indicativo e subjuntivo com ambas as microconstruções. Além disso, constatamos que há uma predominância do modo indicativo tanto nas orações introduzidas por *sempre que*, constituindo 65% dos dados, quanto naquelas introduzidas por *toda vez que*, representando 85% dos dados. Isso pode ser verificado nas tabelas abaixo:

[[ <b>Sempre que</b> ...]Or. Hip. Temp.	Nº de ocorrências	%
Indicativo	98	65%
Subjuntivo	52	35%
Total	150	100%

**Tabela 1:** Modo verbal da oração hipotática *sempre que*

Fonte: autores

[[ <b>Toda vez que</b> ...]Or. Hip. Temp.	Nº de ocorrências	%
Indicativo	128	85%
Subjuntivo	22	15%
Total	150	100%

**Tabela 2:** Modo verbal da oração hipotática *toda vez que*

Fonte: autores

Analisando-as, pode-se dizer que há uma diferença significativa entre o uso desses modos verbais com cada uma dessas microconstruções. Observemos o modo subjuntivo, que é o modo mais marcado e expressa dúvida ou incerteza (CÂMARA Jr., 1970; GIVÓN, 1990; 1995) acerca da informação transmitida pela oração hipotática, dado que o subjuntivo é o modo verbal que normalmente exprime uma suposição ou uma ideia hipotética. Vemos que, pelos resultados, os usuários escolhem com mais frequência a construção com *sempre que* quando precisam expressar o valor do modo subjuntivo: 35% dos dados com *sempre que* são usados com o modo subjuntivo (o que é um percentual bem alto, levando-se em conta que o

modo subjuntivo de forma geral é menos frequente nas línguas do que o modo subjuntivo), enquanto apenas 15% dos dados com *toda vez que* são expressos neste modo verbal. Abaixo seguem dois exemplos que ilustram esse fator.

(6) “Gostei muito de uma passagem do seu texto que você diz que aprendeu a cuidar de VOCÊ. É isso mesmo! Aprendi que quem eu sou não vai mudar em nada. Tenho momentos de dor, e atos [*sic*] e baixos em meus exames, visitas regulares à minha reumatologista, e hoje não choro mais *toda vez que vou ao consultório*. Me ajudou muito também o apoio do meu marido.” (*Corpus do Português Web*)

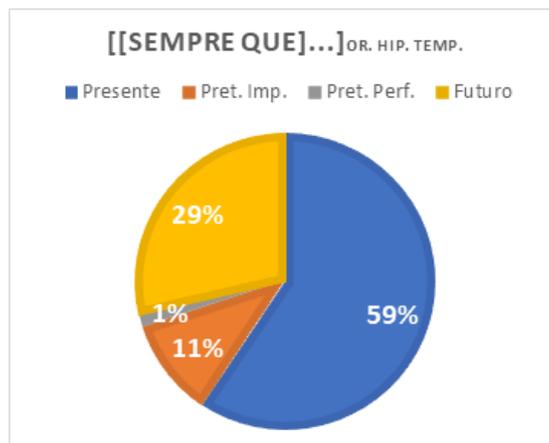
(7) “Na hora de construir seu post não pense que "errinhos" de português são inofensivos, porque um post escrito errado pode afugentar leitores novos e antigos. Revise o conteúdo, faça a postagem, leia novamente o texto já no ar e faça alterações *sempre que detectar um erro*. Além disso, complemente seu texto com vídeos e imagens que tenham a ver com o assunto tratado, e por fim dê um título bacana ao post.” (*Corpus do Português Web*)

Comparando esses dois exemplos, vemos que, enquanto um apresenta uma ideia certa e real, sobre a qual não se pode hipotetizar, o outro apresenta uma ideia mais hipotética, que não é absolutamente real, mas que pode eventualmente acontecer. Isso ocorre porque em (6), na oração introduzida por *toda vez que*, foi empregado o verbo *ir* no indicativo, e em (7), na oração introduzida por *sempre que*, vemos o uso do verbo *detectar* no subjuntivo.

Nesse caso, não há dúvidas sobre a oração hipotática em (6), ou seja, a partir do modo verbal e do contexto, constata-se que o falante é certo de que ele vai ao consultório e não chora mais por isso; já em (7), vê-se que o falante sugere algumas instruções para o leitor acerca de como fazer um post, dentre elas fazer alterações no texto sempre que detectar um erro. Essa informação, porém, é hipotética justamente porque o uso do subjuntivo viabiliza a noção de que um erro pode ser ou não detectado. Nesse caso, pode-se, inclusive, pensar essa ideia através de uma oração hipotática condicional, introduzida pela conjunção *se*, tal como “Se um erro for detectado, faça alterações”.

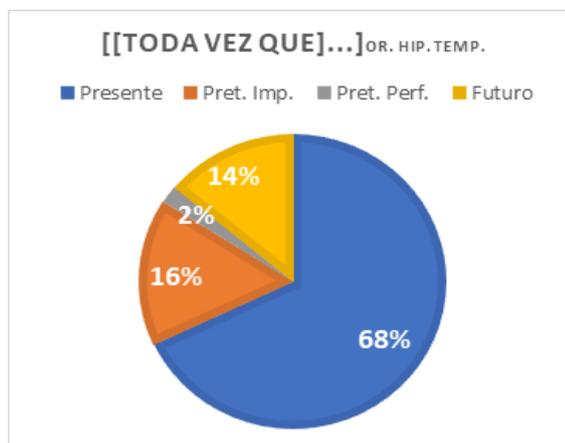
Quanto ao tempo verbal da oração hipotática, verificamos que com ambas as microconstruções são usados o presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e o futuro, havendo uma maior predominância do presente nos dois casos, o qual constitui 59% dos dados com *sempre que* e 68% dos dados com *toda vez que*.

Seguindo o percentual em uma ordem decrescente, após o quantitativo referente ao presente, temos uma diferença: com a microconstrução *sempre que* temos 29% dos dados no futuro, 11% no pretérito imperfeito e apenas 1% no pretérito perfeito. Já a microconstrução *toda vez que* apresenta uma ordem distinta: 16% dos dados no pretérito imperfeito, 14% no futuro e, por fim, apenas 2% no pretérito perfeito. Isso pode ser melhor ilustrado nos gráficos abaixo.



**Gráfico 3:** Tempo verbal da oração hipotática com *sempre que*

Fonte: Lones (2022)



**Gráfico 4:** Tempo verbal da oração hipotática com *toda vez que*

Fonte: Lones (2022)

Observando os resultados referentes a esse fator, é possível notar que os percentuais para cada tempo verbal são, de certo modo, próximos. No entanto, o que mais chama a atenção, nesse caso, é o quantitativo referente ao futuro, uma vez que

esse tempo verbal apresenta o dobro de casos entre uma microconstrução e outra: tem-se 29% de ocorrências com *sempre que* e apenas 14% com *toda vez que*. Sendo assim, considerando que o futuro é um tempo verbal utilizado, de modo geral, para expressar ações que ocorrerão posteriormente ao momento da fala, esses resultados corroboram a nossa ideia de haver um caráter mais hipotético relacionado ao uso da microconstrução *sempre que* nessas orações.

Isso porque, em linhas gerais, o presente e o passado marcam eventos que aconteceram ou que estão acontecendo, enquanto o futuro indica eventos que ainda não aconteceram e que, portanto, podem eventualmente não ocorrer. Dessa maneira, o futuro é encarado como um tempo verbal que projeta algo para frente, isto é, pode-se dizer que a ação expressa por meio desse tempo verbal possui um caráter hipotético, dado que se houver a interferência de alguma circunstância no mundo real, essa ação pode não ocorrer. A título de ilustração, segue abaixo um exemplo.

(8) “És a flecha que tem por destino ser arremessada ao tronco do conhecimento e, se forças em direção contrária, caís em depressão, por negares ao teu ser a tua real necessidade que é a de estares livre, presente na tua realidade divina. Deves saber que as coisas não precisam acontecer nesta ordem. Tens a opção em escolher novamente, **sempre que sentires a ausência do teu coração em tuas decisões**, ou seja, a ausência da paz de espírito. Volta, recolhe teu ser no silêncio que habita tua morada, e lá, começa por ti.” (*Corpus do Português Web*)

Neste exemplo, vê-se que o emissor se volta diretamente ao seu interlocutor a fim de aconselhá-lo sobre determinadas complexidades da vida e sobre a possibilidade de fazer escolhas diante disso. Dessa maneira, vemos que a todo momento o emissor se vale de conjecturas, as quais são possíveis de serem evidenciadas a partir do contexto, mas sobretudo a partir dos tempos verbais utilizados. Nesse sentido, pode-se observar que a oração hipotática – sinalizada em negrito – apresenta um evento possível, mas que também é uma espécie de conjectura dentro desse contexto. Nesse caso, a oração introduzida por *sempre que* possui um caráter totalmente hipotético devido ao uso do futuro do subjuntivo com o verbo *sentir*; sendo assim, pressupõe-se que esse fato possa vir a acontecer ou não.

A partir do que foi exposto, constatamos que os fatores modo e tempo verbais da oração hipotática mostraram que, embora as microconstruções *sempre que* e *toda vez que* sejam bastante semelhantes no que diz respeito à semântica, há uma parcela significativa de dados que chamam a atenção devido ao alto número de ocorrências

com verbos no futuro e no subjuntivo com a microconstrução *sempre que*. Diante disso, reiteramos que pode haver uma tendência de essa microconstrução ser mais utilizada em contextos hipotéticos, e incertos, enquanto a microconstrução *toda vez que* tenderia a ser mais empregada em contextos nos quais se exprime uma certeza ou uma convicção.

#### **2.4. SUBJETIVIDADE: ITENS VERBAIS**

A respeito do item verbal da oração hipotática, vale dizer que analisamos esse fator a fim de verificar se havia algum padrão relativo ao uso de itens verbais específicos relacionados a cada microconstrução e mapear os tipos de verbos mais frequentes com cada uma delas. De modo geral, o objetivo é depreender determinadas particularidades acerca do *slot V* da construção mais esquemática [CONNECT V]OR. HIP. TEMP, observando os itens que ocorrem nas microconstruções hipotáticas introduzidas por *sempre que* e *toda vez que*.

Essa análise foi realizada porque consideramos que, com base em Bybee (2003; 2010), a verificação da frequência de tipos de verbos, tanto de itens verbais específicos como de agrupamentos semânticos, é significativamente relevante para pensar a produtividade das construções e para a compreensão dos elementos cognitivamente atrelados a cada microconstrução em competição. Sendo assim, constatamos que há 90 itens verbais diferentes preenchendo o *slot V* das orações hipotáticas introduzidas por *sempre que*, e 95 itens verbais preenchendo o *slot V* das orações introduzidas por *toda vez que*.

Inicialmente, é válido destacar que esse resultado chama a atenção devido ao número consideravelmente alto de itens verbais, uma vez que essa análise foi realizada em apenas 150 dados de cada microconstrução. Isso demonstra que as orações introduzidas por essas microconstruções licenciam uma grande variedade de verbos, ou seja, em termos de produtividade, vê-se que elas são bastante produtivas no português brasileiro.

Nesse sentido, é importante ressaltar que até o momento não fizemos uma análise qualitativa de item a item, mas somente uma análise quantitativa. Por ora, observamos apenas os itens verbais mais frequentes com cada microconstrução, considerando como mais frequente aqueles que apresentaram mais de 5 ocorrências, a fim de agrupá-los semanticamente e pensar sobre como isso pode influenciar

cognitivamente a escolha do falante. Esses resultados podem ser verificados nas tabelas 4 e 5 abaixo.

Construção com sempre que	Total de itens diferentes	Itens mais frequentes	Nº de ocorrências
<i>Slot V</i>	90	Sentir	8
		Poder	8
		Ter	7
		Precisar	6
		Fazer	6

**Tabela 3:** Item verbal da oração hipotática com *sempre que*

Fonte: autores

Construção com toda vez que	Total de itens diferentes	Itens mais frequentes	Nº de ocorrências
<i>Slot V</i>	95	Fazer	9
		Ver	6
		Tentar V2 <sup>8</sup>	6

**Tabela 4:** Item verbal da oração hipotática com *toda vez que*

Fonte: autores

Analisando essas tabelas, vemos que, a partir dos itens mais frequentes com cada microconstrução, é possível observar algumas tendências de uso entre elas devido ao tipo semântico desses verbos. No que se refere às orações introduzidas por *sempre que*, vemos que os itens verbais mais recrutados a preencher o *slot V* dessas orações, com exceção do verbo *fazer*, são verbos mais abstratos, os quais expressam semântica de modalidade e tendem a se apresentar em contextos mais subjetivos. Em contrapartida, os itens mais frequentes nas orações introduzidas por *toda vez que* são

<sup>8</sup> Consideramos como item “tentar v2” os dados que apresentavam, na oração hipotática, o verbo *tentar* e um verbo secundário. Alguns exemplos são: “tentar impor”, “tentar sair”, “tentar explicar”, etc.

verbos que denotam ações mais objetivas e precisas, as quais podem apresentar um começo e um fim, o que faz com que esses verbos sejam menos subjetivos.

Alguns dos exemplos são:

(9) “Nesta quarta-feira (28), o cantor Fiuk escreveu em sua conta pessoal do Twitter a hashtag #tosolteiro. O filho de Fábio Jr. estava namorando a atriz Sophia Abrahão desde abril deste ano. O casal estampou capas de revistas, ambos sempre citavam um ao outro de forma amorosa em entrevistas e, **sempre que podiam**, postavam fotos juntos com frases carinhosas no Instagram.” (*Corpus do Português Web*)

(10) “Sauna emagrece? Esta afirmação é falsa. O suor não tem gordura. É apenas líquido que o nosso organismo expele como forma de manter a temperatura equilibrada. É uma forma natural de arrefecimento do organismo. Toda essa água que o nosso organismo expele, é repostada ao bebermos água que é única substância que possui o calor. E se não tem calor, não engorda. Portanto não só podemos, como devemos beber água **sempre que tivermos sede**.” (*Corpus do Português Web*)

Após a análise dos resultados referentes a esse fator, corroboramos a nossa hipótese de que há algum grau de subjetividade atrelado ao uso dessas duas microconstruções, dado que os itens mais utilizados com *sempre que* tendem a ser mais subjetivos, o que não ocorre com o uso de *toda vez que*. Sendo assim, pretendemos, futuramente, realizar uma análise mais qualitativa para observar item a item e depreender as propriedades semânticas que caracterizam o *slot V* de ambas as microconstruções.

## 2.5. EVENTOS FACTUAIS OU EVENTUAIS

Já para a análise do fator factualidade, observamos se a oração hipotática introduzida pelas microconstruções *sempre que* e *toda vez que* tende a ser factual, isto é, verdadeira dentro do contexto, de modo que não dá margem à possibilidade de não realização (ou não factual), neste caso, apresentando um caráter mais hipotético, em que o evento pode se realizar ou não. Essa classificação binária entre *factual* e *não factual* foi pensada a partir da proposta de Neves (2000) para a análise das orações concessivas no português, as quais a autora divide entre as que possuem caráter factual e as que possuem caráter eventual.

No que tange a esse fator, inicialmente acreditamos que haveria uma diferença significativa entre as orações introduzidas por *sempre que* e as que são introduzidas por *toda vez que*: nossa hipótese é a de que as orações introduzidas por *sempre que* tenderiam a ser menos factuais, devido ao caráter mais subjetivo que acompanha essas orações, enquanto as que são introduzidas por *toda vez que* tenderiam a ser mais factuais, já que o uso dessa microconstrução se dá majoritariamente em orações cujos verbos exprimem ações, diferentemente do que ocorre com *sempre que*. Isso foi comprovado através dos resultados obtidos com a análise dos dados, os quais podem ser visualizados na tabela 6 a seguir.

	[[Sempre que]...]Or. Hip. Temp.		[[Toda vez que]...]Or. Hip. Temp.	
FACTUAIS	91	61%	123	82%
NÃO FACTUAIS	59	39%	27	18%
TOTAL	150	100%	150	100%

**Tabela 5:** Factualidade das orações introduzidas por *sempre que* e por *toda vez que*

Fonte: autores

Nessa tabela, podemos verificar que ambas as microconstruções tendem a introduzir orações hipotáticas mais factuais, sendo 61% dos casos com *sempre que* e 82% com *toda vez que*. No entanto, o quantitativo de orações não factuais com a microconstrução *sempre que* é consideravelmente maior se comparado ao número de dados com *toda vez que*, sendo 39% contra 18%, respectivamente. Mais uma vez, esse resultado corrobora a nossa hipótese de que a microconstrução *sempre que* está mais atrelada a contextos hipotéticos, visto que as orações não factuais normalmente apresentam eventos incertos, que remetem à possibilidade. Para ilustrar melhor esse fenômeno, seguem abaixo dois exemplos.

(11) “Os olhos começam a brilhar, o coração fica mais acelerado e agente já não sabe disfarçar tanta paixão. Abaixo você vê quais são esses sintomas. [...] Dá a impressão que o coração vai sair pela boca. Sente um friozinho na barriga. Os olhos ficam brilhando. Não consegue parar de olhar para a pessoa. Sente vontade de abraçá-la e beijá-la. As pernas bambeiam. O coração dispara, *sempre que* o vê. Você dá alguns sinais para que a pessoa te perceba. Fica pensando na pessoa a cada cinco minutos.”  
(*Corpus do Português Web*)

(12) “Dando atenção ao cachorro pode ajudar a reduzir a ansiedade na hora de você se separar dele. Um cão que não se exercita pode acabar descontando a energia em móveis e objetos! Um cão triste e deprimido, que mal vê os donos pode roer objetos e móveis em uma crise de solidão para se distrair. Se você sabe que seu cão tem medo de trovão e fogos de artifício, pode ser útil ficar com ele e acariciá-lo acalmando-o sempre que uma situação barulhenta acontecer. Mesmo assim, muitas vezes o problema é difícil de ser tratado e pode ser interessante contatar o seu veterinário para verificar algum programa de treinamento que ajude a resolver o problema da ansiedade.” (*Corpus do Português Web*)

Comparando esses dois exemplos, pode-se fazer um contraste quanto à factualidade das orações hipotáticas em questão – marcadas em negrito. Em ambos os dados, as orações são introduzidas pela microconstrução *sempre que*, no entanto, em (11), a oração “sempre que o vê” é considerada factual e em (12), a oração “sempre que uma situação barulhenta acontecer” é considerada não factual. No caso do exemplo (11), a oração hipotática é verdadeira dentro daquele contexto: imaginemos que uma pessoa X está apaixonada por Y. Sempre que o X vir Y, seu coração irá disparar. Ou seja, nesta circunstância, isso é um fato, pois o enunciado “o coração dispara, sempre que o vê”, não nos dá margem para interpretar que isso pode ou não acontecer. Na verdade, isso de fato acontece, sendo, portanto, uma oração factual.

Já no exemplo (12), a oração “sempre que uma situação barulhenta acontecer” abre precedentes para a interpretação de que uma situação barulhenta pode acontecer ou não. Nesse contexto, em que se discute o medo, por parte dos cães, de trovões e fogos de artifício, é aconselhado que o dono estivesse com o cachorro acalmando-o sempre que essas situações acontecerem. Ou seja, nesse caso, não temos a certeza de que uma situação como essa irá, de fato, acontecer. Isso pode se realizar ou não e, por esse motivo, essa oração é considerada não factual, já que esse evento é hipotético.

Isso ocorre, sobretudo, pela natureza dos verbos que figuram no *slot* X dessas orações. Ao longo da nossa análise, observamos que havia uma tendência de as orações factuais apresentarem verbos no modo indicativo, que estão mais relacionados à certeza, e as não factuais apresentarem verbos no modo subjuntivo, que, por sua vez, estão mais relacionados à dúvida, hipótese, incerteza. Isso está intimamente relacionado ao fato de que o modo verbal é responsável por expressar, através do verbo, a intenção comunicativa do falante. Isto é, o falante escolhe, de maneira inconsciente, o modo indicativo quando tem certeza, quando uma

informação é verdadeira ou, até mesmo, um fato, mas opta pelo uso do subjuntivo se a informação é hipotética, duvidosa, passível ou não de acontecer dentro de um determinado contexto.

Essa discussão pode ser feita a partir dos dois exemplos:

(13) “...A receita quem me deu foi minha amiga Cássia. Esse bolo é daqueles que se você levar em uma reunião de amigas, já leve com a receita pois todo mundo vai pedir mesmo. rs. É assim que acontece, *toda vez que a Cássia leva o bolo em algum lugar* todos pedem a receita e como ela é generosa não vai se importar se eu publicar aqui para vocês. Fiz um na quinta-feira e não tirei fotos. Ontem fiz outro, só que dessa vez não tinha nozes e usei castanha do Pará, mas ficou bom do mesmo jeito.” (*Corpus do Português Web*)

(14) “Nas Doutrinas Celestes, o Senhor nos diz que ‘cada fração minúscula de um momento da vida de uma pessoa envolve uma corrente de consequências que se estende à eternidade. Sim, cada momento é como um novo começo daqueles que seguem...’ Que ensinamento incrível! Isto quer dizer que toda vez, todo momento que escolhermos a vida, esta escolha terá consequências que se estenderá à eternidade. O mesmo também será verdade *toda vez que escolhermos o mal*. Entretanto, o Senhor sabe que escolher a vida e o bem não é uma escolha fácil; e, Ele também sabe que esta escolha é necessária se é que vamos para o céu.” (*Corpus do Português Web*)

No exemplo (13), podemos observar que a oração “toda vez que a Cássia leva o bolo em algum lugar” é factual dentro desse contexto e possui o verbo *levar* no modo indicativo. Neste caso, essa oração é factual porque ela não dá margem para a interpretação de que isso pode ou não acontecer, ao contrário, é fato que toda vez que a Cássia leva o bolo em algum lugar, todos pedem a receita, não há dúvida quanto a isso dentro do enunciado. É, portanto, a veracidade e a certeza dessa informação que motivam o falante a utilizar o verbo em questão no modo indicativo.

Já no exemplo (14), a oração “toda vez que escolhermos o mal” é não factual e possui o verbo *escolher* no modo subjuntivo. Diferentemente do exemplo anterior, nesse caso, essa oração abre precedentes para a interpretação de que isso pode ocorrer ou não, já que nós podemos escolher a vida ou o mal, de acordo com o que está sendo dito. Dessa forma, ao dizer “o mesmo também será verdade toda vez que escolhermos o mal”, o falante se vale de uma possibilidade, de uma hipótese, para expressar sua ideia: ele afirma que ao escolhermos a vida ou o mal, cada escolha terá suas consequências, porém, essas escolhas são apenas possibilidades. É, portanto,

essa noção de hipótese e de incerteza que justifica o uso do modo subjuntivo com o verbo em questão.

Por fim, no que diz respeito ao fator factualidade, constatamos que efetivamente há uma diferença entre as orações hipotáticas introduzidas por *sempre que* e por *toda vez que*: embora ambas tendam a introduzir orações mais factuais, o número de dados que apresentam essa factualidade com a microconstrução *toda vez que* é consideravelmente maior se comparado a *sempre que* (82% e 61% respectivamente). Isso ocorre devido ao traço mais subjetivo que acompanha as orações com *sempre que*, dada a alta frequência do modo subjuntivo, diferenciando-a de *toda vez que*, a qual apresenta predominância do modo indicativo.

## 2.6. ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO: INFORMAÇÃO PRESSUPOSTA OU NÃO PRESSUPOSTA

No que diz respeito ao fator pressuposição, analisamos a natureza da informação veiculada pela oração hipotática dentro do contexto em que ela está inserida. Para isso, classificamos como pressupostos os dados em que a oração hipotática apresentava uma informação disponível de ser acessada e recuperada no contexto (LAMBRETCH, 1994; CHAFE, 1980), e não pressupostos os dados em que a oração hipotática veiculava uma informação totalmente nova no enunciado. Os resultados referentes a esse fator podem ser visualizados na tabela abaixo.

Construção	Pressuposto		Não pressuposto		Total
	Cont.	Porcent.	Cont.	Porcent.	
[[Sempre que]...]Or. Hip. Temp	64	43%	86	57%	150
[[Toda vez que]...]Or. Hip. Temp	77	51%	73	49%	150

Tabela 6: Pressuposição das orações hipotáticas introduzidas por *sempre que* e por *toda vez que*

Fonte: autores

Analisando essa tabela, pode-se perceber que os resultados obtidos com a análise desse fator são bastante próximos, o que, num primeiro momento, nos faz acreditar que possivelmente não haja diferenças significativas em relação à natureza da informação nas orações introduzidas por essas microconstruções. A respeito da

pressuposição, vê-se que há um total de 43% de casos com a microconstrução *sempre que* e 51% de casos com *toda vez que*. Já os casos de não pressuposição atingem os 57% com *sempre que* e 49% com *toda vez que*.

Para que isso seja mais bem exemplificado, seguem abaixo os exemplos a seguir:

(15) “Por vezes há símbolos cujo significado adquire uma natureza quase consensual. Mesmo nesses casos, não se pode, em bom rigor, afirmar que o significado, ainda que consensual, do símbolo é ‘o’ correto. Se alguém lhe atribuir outro significado, se alguém concluir que esse outro significado é o que, para si, é o certo, para esse assim será – e os demais naturalmente respeitam isso. Portanto, *sempre que eu afirmo que um determinado símbolo tem um certo significado*, o leitor deve entender que esse é o significado que eu lhe atribuo, que pode até ser consensualmente aceite pela generalidade dos maçons – mas não é necessariamente certo para todos, aceite por todos...” (*Corpus do Português Web*).

(16) “Aposto que nenhum dos pais gostam da ideia do filho ser solitário, já que a assexualidade é frequentemente remetida à solidão. Talvez eu nunca contaria até que eles me perguntassem. Eu sei que sou assexual desde criança. Só não sabia o nome que se dava, nem que existiam mais pessoas como eu. E sempre falei a todo mundo que não queria nada com ninguém, mas por ser muito nova, me diziam que eu ia mudar de ideia quando ficasse mais velha. Mas não mudei. Hoje tenho 16 anos, e *sempre que vejo minha avó* ela pergunta se eu ‘já tô de namorado’. Respondo que não tenho nenhum interesse nisso. Mas acho que ela pensa que eu namoro escondido ou algo assim...” (*Corpus do Português Web*)

Em ambos os exemplos, as orações hipotáticas são introduzidas pela microconstrução *sempre que*, no entanto, tem-se um caso de pressuposição e um caso de não pressuposição. No exemplo (15), o discurso do falante está relacionado ao seu ponto de vista a respeito da variabilidade de significados para um determinado símbolo. Ele inicia afirmando que um símbolo, ainda que possua um significado quase consensual, pode ser atribuído a outro significado se alguém assim o fizer. Portanto, a informação contida na oração “sempre que eu afirmo que um determinado símbolo tem um certo significado” é considerada pressuposta devido ao que é dito anteriormente. Isso significa dizer que essa sentença é facilmente decodificada pelo ouvinte dentro desse contexto – inclusive, pela repetição dos referentes “símbolo” e “significado” –, já que não há nenhuma informação nova a respeito do assunto abordado.

Já no exemplo (16), o discurso do falante está relacionado à percepção a respeito de sua sexualidade. Dentro deste terreno temático, ele menciona pontos como: a relação com seus pais, o momento de sua identificação e como sempre lidou com essa questão. Entretanto, na oração “sempre que vejo minha vó”, é adicionado um novo referente: “minha vó”. Até aquele momento do discurso, sua avó não havia sido mencionada, o que faz essa informação ser considerada não pressuposta, já que o ouvinte precisaria acessar esse novo referente devido ao fato de não haver nenhuma relação direta entre sexualidade e o grau de parentesco “avó”.

(17) “Os dois cirurgiões dentistas da SMS mostraram os cuidados na prevenção e higienização da boca. Eles explicaram que a colocação de piercing na língua envolve mais riscos, por isso sugeriram aos profissionais que recomendem os clientes a procurarem o dentista antes de tomar essa decisão. Normalmente, após a colocação, surgem sangramento, dor e inchaço. ‘As pessoas têm mania de ficar tocando no local depois que põe o piercing, o que pode prejudicar’, disse o cirurgião João Paulo Araújo. Ele lembra que *toda vez que se põe um piercing na língua*, ‘o corpo entende que aquilo [o piercing] é estranho, gera um processo infeccioso’, frisou João Paulo...” (Corpus do Português Web)

(18) “A globo não conseguiu dividir a igreja. Pq para ser dividida, ela precisaria estar unida. E não estava. Este foi só o ‘rasgar da cortina’ para que pudéssemos ver como realmente a igreja está. Todo mundo sabe que eu vivo criticando a marcha p/ Jesus e outros eventos que dizem ser em nome de Jesus... O festival é mais um destes. Porém, *toda vez que alguém declara João 3:16*, crendo ou não crendo, o Espírito pode tocar alguém, pq é palavra de Deus...” (Corpus do Português Web)

Assim como os exemplos anteriores, nos exemplos (17) e (18), as orações hipotáticas, embora sejam introduzidas pela mesma microconstrução – *toda vez que* –, também apresentam diferenças em relação ao fator pressuposição. Isso porque, enquanto a natureza da informação contida na oração hipotática em (17) é pressuposta, a informação em (18) é não pressuposta.

O ambiente temático no exemplo (17) está relacionado ao fato de se colocar ou não um piercing na língua, levantando questões como a tomada dessa decisão, a higienização da boca e os problemas que o piercing pode causar. Sendo assim, a informação contida na oração “toda vez que se põe um piercing na língua” é considerada pressuposta devido a tudo que é dito anteriormente, isto é, o contexto apresentado antes da enunciação desta sentença. Nesse caso, essa informação seria facilmente decodificada pelo ouvinte, inclusive, pelo uso do mesmo referente

“piercing na língua”, o qual é responsável por estruturar essa situação comunicativa, uma vez que todo o discurso gira em torno deste assunto.

Já no exemplo (18), o ambiente temático se dá por meio de um contexto religioso: há uma espécie de crítica por parte do falante em relação à união da igreja e aos eventos que visam propagar o nome de Jesus. Desse modo, na oração “toda vez que alguém declara João 3:16”, há uma informação que não havia sido mencionada, até aquele momento, no discurso: o fato de alguém declarar este versículo. Essa informação é considerada não pressuposta justamente porque o ouvinte precisa acessar esse novo referente a partir de seu conhecimento de mundo, já que não há nenhuma relação direta entre tudo o que foi dito anteriormente e o ato de declarar João 3:16. Classificamos, portanto, essa informação como sendo não pressuposta partindo da ideia de que, dentro daquele contexto, essa informação é totalmente nova para o ouvinte.

A partir do que foi exposto, podemos considerar que, mesmo não tendo havido diferenças significativas quanto ao fator pressuposição no geral, é válido ressaltar o fato de que o uso de *sempre que* parece ser mais acionado quando há casos de informações não pressupostas, pois constitui 56% dos dados, enquanto o uso de *toda vez que* parece estar mais atrelado a contextos em que a informação veiculada pela oração hipotática tende a ser pressuposta, dado que esse quantitativo é de 51%.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a apresentar uma análise acerca das orações hipotáticas introduzidas por *sempre que* e por *toda vez que* no PB contemporâneo. Essa análise teve como objetivo mapear diferenças e semelhanças no que diz respeito ao uso dessas microconstruções na oração, a fim de compreender o que leva o falante a escolher uma ou outra nos diferentes contextos. Tendo como base o arcabouço teórico da LFCU, a hipótese que norteou este estudo é a de que essas microconstruções, embora se apresentem em contextos semelhantes, não são sinônimas, pois apresentariam especificidades estruturais, semânticas e/ou pragmáticas.

Embora ambas tendam a introduzir orações mais antepostas, isso ocorre com maior frequência com a microconstrução *toda vez que*. A posposição parece estar mais atrelada ao uso de *sempre que*, já que esses casos são mais frequentes com essa

microconstrução em comparação a *toda vez que*: 45% contra 23% respectivamente. Com relação ao modo e ao tempo verbal, há diferenças relevantes que apontam para diferenças de usos mais ou menos subjetivos: ainda que as duas tendam a introduzir orações hipotáticas majoritariamente no presente do indicativo, a microconstrução *sempre que* é a que mais aparece introduzindo orações com verbos no modo subjuntivo, principalmente com o futuro do subjuntivo, o que pode demonstrar que essas orações possivelmente seriam mais subjetivas, com caráter mais hipotético.

Além disso, a análise da semântica dos itens verbais que figuram no *slot V* das orações hipotáticas demonstrou também que com *sempre que* os usos tendem a ser mais subjetivos. Os eventos codificados por essas microconstruções são menos factuais do que os eventos codificados pelas orações com *toda vez que*.

Essas tendências apontam para o caráter mais subjetivo das orações com *sempre que*. Muito provavelmente o valor menos pontual, mais atemporal da base *sempre* pode ter acionado a preferência por orações com *sempre que* em contextos menos factuais e mais subjetivos. Esses resultados reforçam o Princípio da Não Sinonímia, segundo o qual se duas construções são distintas em aspectos da forma, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas (GOLDBERG, 1995).

## Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (Org.). *A handbook of historical linguistics*. Malden: Blackweel Publishing, 2003.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CÂMARA Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura. Subjetividade no uso de adverbais modalizadores em artigos de opinião. *Revista Odisseia*, v. 2, n. esp., p. 164-184, 2017.
- CEZARIO, Maria Maura; ALONSO, Karen; CASTANHEIRA, Dennis (Orgs.) *Linguística baseada no uso: explorando métodos, construindo caminhos*. Rio de Janeiro, Rio Books, 2020.
- CEZARIO, Maria Maura; LONES, Beatriz. “O coração dispara sempre que o vê” – a competição entre “sempre que” e “toda vez que” em orações hipotáticas no português brasileiro contemporâneo. In: CEZARIO, Maria Maura; ALONSO, Karen; CASTANHEIRA, Dennis. (Orgs.) *Linguística baseada no uso: Explorando métodos, construindo caminhos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.
- CEZARIO, Maria Maura; SANTOS SILVA, Thiago; SANT’ANNA, Juliana. O domínio da concessão: uma análise baseada nos usos de construções oracionais com mesmo que, ainda que e se bem que. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30, p. 998-1031, 2022.

- CHAFE, Wallace. *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980.
- DIESSEL, Holger. Adverbial subordination. In: *Bloomsbury Companion to Syntax*. Londres: Bloomsbury Academic, p. 341-353, 2013.
- DIESSEL, Holger. *The Grammar Network: linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edivaldo Balduino; SILVA, Jose Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Volume II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold, 1985.
- HILPERT, Martin. *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden: Brill, 2021.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1993.
- LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representation of discourse referents*. In: Cambridge Studies in Linguistics 71. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LONES, Beatriz. *As microconstruções sempre que e toda vez que em orações hipotáticas: uma análise baseada no uso*. Monografia. 44p. 2022.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- NASCIMENTO, Juliana Barboza; CASTANHEIRA, Dennis. As orações hipotáticas introduzidas por “visto que”, “dado que” e “posto que”. In: CEZARIO, Maria Maura; ALONSO, Karen; CASTANHEIRA, Dennis. (Org.). *Linguística Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020, p. 171-196.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios.; ROSÁRIO, Ivo. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA (UNESP. ONLINE)*, v. 60, p. 233-259, 2016.
- RODRIGUES, Violeta Virginia. Subordinação adverbial ou hipotaxe circunstancial? In: RODRIGUES, Violeta Virginia. (Org.). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. 2ed. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Faculdade de Letras / Letras Vernáculas, 2017, v. 1, p. 59-82.

SILVA, Thiago Santos; CEZARIO, Maria Maura. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. *REVISTA ODISSÉIA*, v. 4, p. 132-153, 2019.

TRAUGOTT, Elizabeth. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert. (org.) *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 29 -71.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Site acessado: *Corpus do Português*: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> Último acesso em: 23/10/2021

Artigo recebido em 04 de julho de 2022.

Artigo aceito para publicação em 24 de agosto de 2022.